



Foto: Danielly Souza

**BAIRRO UNIVERSITÁRIO**

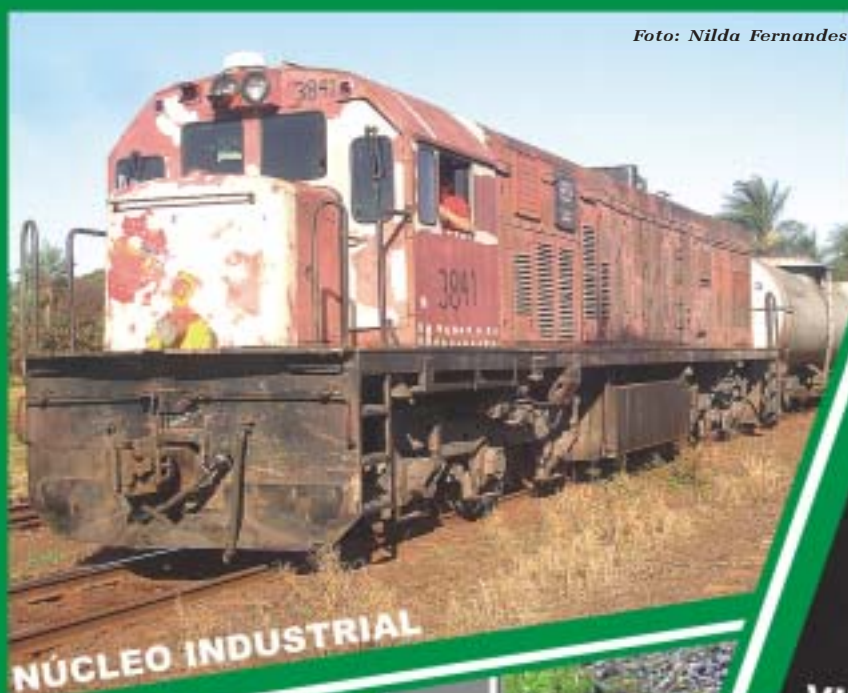


Foto: Nilda Fernandes

**NÚCLEO INDUSTRIAL**



Foto: Leonardo Amorim

**VILA CARVALHO**



Esta edição do Em Foco interessa às 37 comunidades que fazem parte dos três bairros que tiveram suas histórias reconstituídas e documentadas pelos nossos acadêmicos-repórteres. Além dos moradores dos bairros retratados as informações das páginas a seguir se destinam aos fiéis leitores do nosso jornal laboratório, campo-grandenses que se importam com os problemas que a população da Capital de Mato Grosso do Sul enfrenta e também com as soluções que esta gente consegue dar para os obstáculos em busca de uma vida feliz.

Nossos estudantes exercitam o jornalismo de cidadania dentro desta série de Em Foco especial bairros. É a essência da profissão de Jornalismo posta à prova, o papel de servidor público deste comunicador social, algo que dito assim parece até uma redundância.

Gente simpática e acolhedora do Bairro Núcleo Industrial abre este tablóide contando as histórias de um lugar onde progresso e jeito de interior convivem harmoniosamente lá para os lados do Imbirussu.

Na região Leste da Capital vivem mais de 20 mil pessoas que amam seu bairro, o Universitário. Lugar populoso, com problemas, mas cheio de vontade de progredir.

Para encerrar, uma viagem no tempo, passando pela época em que os Paraguios chegaram à cidade para carrear os bois do matadouro municipal até a chegar à potência carnavalesca da Vila Carvalho.

# Progresso Sim Poluição Não

Laura Peres Santi

Distribuídas por todo o bairro Núcleo Industrial, as empresas que ali estão localizadas não podem entrar em conflito com o meio ambiente, condição imposta tanto pelas leis brasileiras quanto municipais. Um dos problemas em abrigar fábricas é a poluição que causam, mau cheiro e a contaminação dos rios e córregos, maiores reclamações dos moradores.

Secretário Executivo do Conselho da Região Imbirussu e presidente da Associação de Moradores do bairro Nova Campo Grande, Marcos Antônio Pedrosa Espinoça conta que empresas como o frigorífico, as produtoras do asfalto e as companhias de gás, são as que mais prejudicam a população através do ar. “Têm dias que eles liberam uma massa preta pelo ar, outro dia é o cheiro de gás por todo o bairro, isso quando não é o mau cheiro do frigorífico”, lembra o secretário Espinoça.

Apesar desses problemas com as empresas citadas, há também uma falta de consciência dos próprios moradores,



Foto: Laura Peres Santi

**Sufo** - Moradores da região reclamam da fumaça liberada no ar pelas indústrias

que mesmo com o tempo seco, continuam jogando o lixo pelas ruas e fazendo queimadas em frente a suas casas, poluindo o ar e prejudicando a saúde. Por isso, o secretário Espinoça junto com a Escola Municipal Fauze Scaff Gattass Filho estão organizando um trabalho para conscientizar a população sobre o meio ambiente.

Vinda de Rio Negro, Paraná, Deulinda Campos da Silva mora no Núcleo Industrial desde 1982, e conta que a única movimentação que o bairro fez contra as empresas foi um abaixo-assinado, pois uma delas estava liberando um pó preto junto com a fumaça. Hoje, dona Deulinda revela que são poucas as vezes que isso volta a acontecer e lembra que o maior problema está sendo o mau cheiro do curtiúme. “Quando o vento muda de direção vem aquele cheiro insuportável, é muito fedido”, comenta a moradora sobre os problemas do bairro.

Segundo Vanuza Gonçalves Bem, recepcionista do único posto de saúde do bairro, entre a população os que mais sofrem com a poluição do ar são as crianças. “Aqui as crianças chegam com problemas respiratórios e ardência nos

olhos”, relata a funcionária da Unidade Básica de Saúde Manoel Secco Thomé Indubrasil.

## Córrego

Segundo relatório da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento (Semades), além dos problemas com a poluição causada pelas empresas, há também o Córrego Imbirussu, que recebe os dejetos das empresas Friboi e Embraplast. A última vistoria feita pela Semades foi em julho deste ano, quando foram recolhidas amostras do córrego para a fiscalização através da Empresa de Saneamento Águas Guararoba. Conforme o secretário Espinoça, há uma mina d’água no bairro Nova Campo Grande, que deságua no córrego Imbirussu, e já está virando um lixão por falta de cuidados da população.

Técnicos da Secretaria explicam que para fazer uma fiscalização nas empresas, eles precisam que a população faça as denúncias. Já o córrego passa por uma vistoria do lançamento de esgoto para a área pluvial e da área pluvial desaguar no esgoto, por esse motivo os técnicos fazem vistorias semanais.

## EXPEDIENTE



**Em Foco** – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VII - nº 110 – Setembro de 2008 - Tiragem 3.000

**Obs.:** As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

**Chanceler:** Pe. Lauro Takaki Shinohara

**Reitor:** Pe. José Marinoni

**Pró-Reitor Acadêmico:** Pe. Dr. Gildásio Mendes

**Pró-Reitor Administrativo:** Ir. Raffaele Lochi

**Coordenador do curso de Jornalismo:** Jacir Alfonso Zanatta

**Jornalistas responsáveis:** Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

**Revisão:** Acadêmicos do 4º semestre de Jornalismo,

Cristina Ramos, Inara Silva e Oswaldo Ribeiro.

**Edição:** Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

**Repórteres:** Caroline Maldonado, Danielly Souza, Edeusa Centurião, Fábio Lopes, Fernanda Bernardes, Flávia Alarcon, Gabriela Paniago, Haryon Caetano, Laura Peres Santi, Laziney Martins, Leonardo Amorim, Leonardo Cabral, Mirian de Araujo, Nilda Fernandes, Otávio Cavalcante, Paula Maciulevicius, Paula Vitorino, Rebeca Arruda, Renata Volpe, Sula Portes, Tatyane Santinoni, Teresa de Barros, Thierre Mônaco, Valeska Medeiros e Viviane Oliveira.

**Projeto Gráfico:** Designer - Maria Helena Benites  
**Diagramação e Tratamento de imagens:** Designer - Maria Helena Benites

**Impressão:** Jornal A Crítica

**Em Foco** - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

**EmFoco On-line (fase experimental):**  
www.emfoco.com.br

**E-mail:** emfoco@ucdb.br  
emfoco.online@yahoo.com.br

## ERRAMOS...OOPS!

Diferente do que a legenda “Cuidado: Lesões estão relacionadas ao despreparo dos atletas que se utilizam de métodos incorretos”, publicada na página 11 do Jornal Em Foco edição Nº 109 - de 7 a 20 de setembro de 2009, possa ter dado a entender, o acadêmico de Educação Física da Universidade Católica Dom Bosco, Sérgio Flores de Andrade, de 28 anos, que aparece na foto nunca sofreu nenhum tipo de lesão provocada pela prática esportiva. Frequentador da academia escola da UCDB ele pratica musculação há cinco anos e por usar equipamentos e procedimentos corretos e adequados, além de orientação de um profissional de Educação Física, afirma nunca ter passado pela experiência de lesão abordada na reportagem publicada.



Foto: Magna Melo





**Nascimento** - As primeiras indústrias se instalaram na Região do Imbirussu em 1977

## História

*Responsáveis pela criação e também estagnação do bairro*

# Indústrias traçam destino de comunidade

**Caroline Maldonado**

Conhecido pela instalação de empresas e indústrias, o bairro Núcleo Industrial existe há 31 anos. São cinco os parcelamentos que o compõe. Um deles é a Vila Manoel Seco Tomé, a mais desenvolvida e populosa. Também o Jardim Inápolis, a Vila Entroncamento e Pólo Empresarial Oeste, além do Núcleo Industrial. Quem nunca foi até lá tem a impressão de que fica bem distante, porque é preciso utilizar a saída para Aquidauana - BR 262, para chegar. Muitas pessoas confundem o Núcleo com o Bairro Indubrasil, mas eles não são o mesmo. Ambos ficam a aproximadamente 15 quilômetros do centro da cidade.

Apesar de abrigar o Pólo, os moradores reclamam que a região pouco se desenvolveu. Segundo moradores antigos, as empresas instaladas no Núcleo Industrial atuavam, em 1977, em diversos ramos como: produtos de origem

animal, bebidas, farmacêuticas, adubos, metalúrgica. Na época o transporte dos funcionários e moradores da região era realizado duas vezes por dia, pela manhã e no final da tarde. O ônibus fazia a rota Rodoviária de Campo Grande, Núcleo Industrial, Indubrasil e retorno Rodoviária. Outra opção era o Expresso Matogrosso que passava na BR com destino a Aquidauana.

O nascimento do bairro se deve à instalação das indústrias, que foram e, ainda são estimuladas pelo governo que visa o desenvolvimento de Campo Grande.

Hoje os grandes terrenos de proprietários que aguardam a valorização, impedem o povoamento da região. Por isso faltam farmácias, mercados e o asfalto é só para linha do ônibus. “No Núcleo Industrial só desenvolveram as indústrias, o bairro não cresceu. Gente com dinheiro comprou quadras inteiras e não construiu”, contou José Siqueira dos Santos, de 51 anos, residente no bairro



**Moradia** - Casas do bairro foram construídas para atender funcionários do Pólo

desde 1983.

É difícil encontrar moradores antigos, devido ao fluxo de empregados do pólo empresarial. “Nós estamos meio abandonados aqui. Não tem nem iluminação pública. Tem um posto de saúde que só serve para dar dipirona e diclofenaco. Para melhorar precisa povoar o bairro”, reclamou José.

Há cinco anos cem casas foram construídas pela Empresa Municipal de Habitação (Emha), 40 delas foram reservadas a empregados da unidade industrial Kepler Weber (produtora de sistemas de armazenagem de grãos). Adesino Mariano da Silva, de 39 anos, conseguiu uma das casas, mas preferiu voltar para a favela. “Eu consegui uma casa da Emha, mas as prestações eram de R\$ 80,00, não tava dando pra pagar. Aí eu vendi e voltei para favela, lá não pago luz nem água”, contou. Ele se refere aos comodatos que ficam no mesmo bairro onde mora também Veriano Nunes Jará, de 72 anos, que veio de Aquidauana. “Quando o nosso prefeito normalizar isso aqui vai ser muito bom, porque aqui tem gente demais”, explicou.

Veriano é um dos muitos que vêm do interior do Estado ou deixam as chácaras para morar na Capital.

A Colônia Penal Agrícola (CPA) está no bairro há 12 anos e tem capacidade para mil presos. Segundo José, que é dono de um mercado já assaltado quatro vezes, a violência era maior quando o regime da penal era semi-aberto.

A presidente da Associação de Moradores do bairro, Flôrencia Cristaldo, de 48 anos, mora no Jardim Inápolis. “Há nove anos estou na presidência e agora sou também Conselheira Regional. Assim é mais fácil conseguir melhorias para o nosso bairro”, contou. Segundo ela, nos trilhos que antes levavam passageiros, hoje é transportado óleo diesel. Eles passam em frente à casa dela. Motivo de preocupação, pois tem que cuidar o fogo que alguns moradores insistem em colocar à margem dele.



**Medo** - Flôrencia Cristaldo teme acidentes com trens carregados de óleo diesel



Após mudanças na Colônia Penal crimes diminuíram

Foto: Haryon Caetano

# Violência foi embora com detentos

Haryon Caetano

Localizado próximo à Colônia Penal Agrícola de Campo Grande, o Núcleo Industrial é, hoje, um bairro considerado 'tranquilo' por seus moradores, que afirmam não ter mais problemas com roubos e furtos, apesar da penitenciária vizinha. No início do ano foi registrada uma crescente onda de assaltos e era freqüente a prisão de detentos que fugiam da Colônia Penal.

Porém, atualmente, os comerciantes não reclamam de violência. Claudinei de Souza mantém um bar no centro do bairro e conta que fica com o

estabelecimento aberto até as 22 horas sem medo de ser assaltado. "Agora está bastante calmo, apesar de ser um bairro isolado. Todos se conhecem e ficam em frente as casas à noite tomando tererê".

Poucos casos de violência ainda acontecem, como em uma sorveteria, localizada próxima ao Posto Policial, onde a porta do banheiro foi arrombada em uma noite do mês de agosto.

No Posto Policial, onde está sediado o pelotão Indubrasil da Polícia Militar, não há viaturas. Caso algum crime ocorra, será acionado outro pelotão localizado no bairro Coophatrabalho, há quinze minutos do Núcleo Industrial.

## Evasão

Embora não tenham mais problemas



**Déficit** - Posto policial do bairro não tem viaturas e recorre à PM do Coophatrabalho

com a segurança pública, muitos moradores estão deixando o bairro. Este fato pode ser notado observando as placas de vende-se e aluga-se espalhadas pelo bairro. "Nestes quinze anos que moro aqui, já tive minha casa roubada seis vezes. É melhor eu sair enquanto o bairro está calmo por que se a violência voltar vai ficar difícil conseguir compra-

dor", desabafa Maria Neli de Almeida.

Administrada pela Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário (Agepen), a Colônia Penal será transferida para outro local. Segundo o Governador, André Puccinelli, duas áreas estão sendo estudadas para a transferência. Este estudo já dura seis meses.

NÚCLEO INDUSTRIAL

## Trânsito empoeirado preocupa

Nilda Fernandes

Andar pelas ruas do bairro Núcleo Industrial é uma questão de habilidade, para não pisar nas imensas poças de água que insistem em permanecer mesmo na época de estiagem. A comunidade reclama não do excesso de caminhões no trânsito, mas sim da poeira que eles levantam ao passar. O céu no núcleo industrial é mais escuro, devido à poeira e poluição das indústrias. Moradores e comerciantes são unânimes em suas reivindicações para o trânsito, querem mesmo é o asfalto.

Moradora do bairro desde que nasceu, Maria de Fátima Maciel Amorin, de 19 anos afirma que "é difícil morar aqui, não pela distância do bairro, mas por essa poeira insuportável, prefiro a lama da chuva à poeira". Segundo os moradores, os



**Saúde** - Caminhões pesados levantam poeira nas ruas sem asfalto o que afeta população

principais veículos que circulam pelas ruas são caminhões.

A poluição prejudica a saúde principalmente de idosos e crianças. "Eu tenho falta de ar e a situação piora sem a chuva, tenho vontade de me mudar daqui, já ouvi várias promessas de asfalto e nada", afirma a comerciante Antônia Maria de Souza.

Moradores do bairro reclamam da poeira, pois os problemas maiores são relacionados à saúde. "Fico bem quando chove, alivia um pouco a poeira", desabafa a moradora, Tereza Cordeiro, de 42 anos, mãe de duas crianças que sofrem de bronquite. Ela diz continuar à espera de ad-

ministradores que não só prometam, mas que cumpram. "Todo ano que tem política eles vêm aqui, prometem tudo para gente e nada muda", lamenta. Quem mora no Núcleo Industrial ainda convive com outro problema, o barulho e trepidação dos trens que passam a poucos metros das portas das casas, transportando a matéria-prima das indústrias.

A assessoria de comunicação da Prefeitura informou que para este ano não há previsão de construção do asfalto, assim as donas de casa, os comerciantes e os moradores do bairro Núcleo Industrial, devem continuar aguardando as chuvas para tornar o ar mais puro.

Foto: Nilda Fernandes

**DICAS DE SEGURANÇA EM CASA**

Quando sair, certifique-se que as portas e janelas estão trancadas, e que cadeados estão funcionando corretamente.

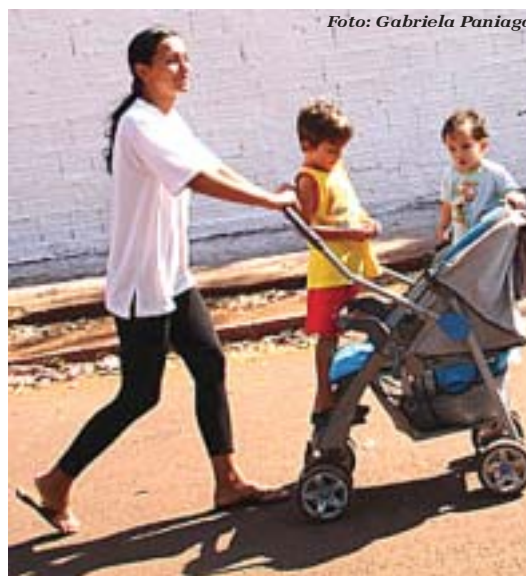
Comunique-se com os seus vizinhos procurando formar um esquema de vigilância comunitária, para que haja observações recíprocas das residências.

publicidade propaganda

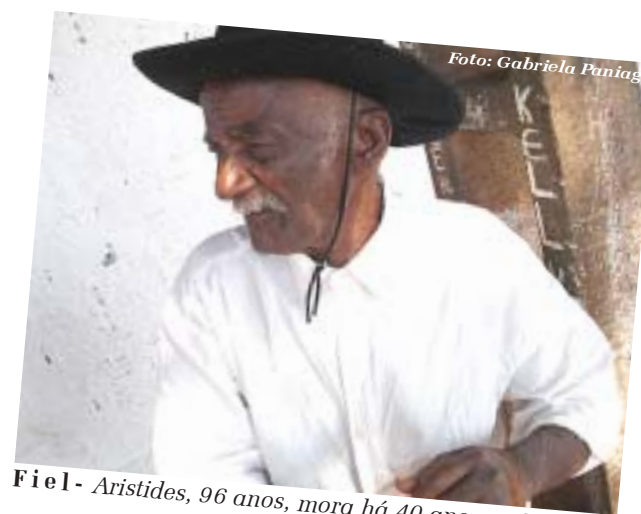




**Lazer** - Gabriel Silvestre, de 8 anos, quer mais diversão



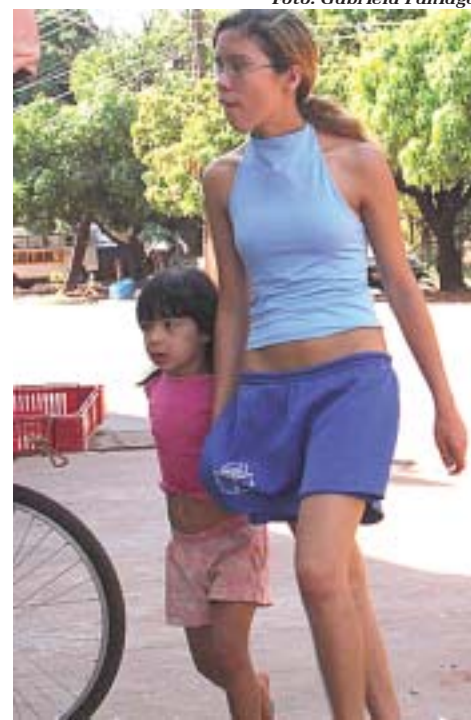
**Amor** - Moradores mostram carinho pelo bairro



**Fiel** - Aristides, 96 anos, mora há 40 anos no Núcleo



**Cuca Fresca** - Bar da Maria é tradicional



**Lar** - Famílias amam seu modo de viver

## Personagens

*Histórias de moradores mostram a alegria de viver*

# Gente simpática e acolhedora habita o Núcleo Industrial

### Gabriela Paniago

Com aproximadamente três mil moradores, o Núcleo Industrial de Campo Grande abriga pessoas com suas diversas histórias e experiências no decorrer da evolução do bairro. Cada um tem algo diferente para contar, mas o que essas pessoas que moram no local implantado em 1977 pela Prefeitura Municipal têm em comum é a simplicidade e o bom humor que é típico da maioria dos habitantes.

Localizado no extremo oeste do perímetro urbano, às margens da BR 262 e do anel rodoviário que liga a saída norte BR 163 (Cuiabá), Leste 262 (Três Lagoas - São Paulo) e Sudoeste BR 060 (Sidrolândia), o Núcleo Industrial possui cerca de 200 hectares, com uma área útil de 122 ha, subdividida em 80 lotes. Segundo a presidente do bairro Florência Cristaldo, de 48 anos, os loteamentos tinham o objetivo de atender e instalar as empresas de todos os portes.

O operário Noel Rodrigues, de 52 anos, mora no Núcleo Industrial desde

1983, veio do Paraná e acompanhou de perto a trajetória do bairro. “Quando eu cheguei aqui, fiquei meio assustado. Tinha pouca gente, as casas eram sem muros e ainda não tinha asfalto”. Atualmente Rodrigues considera o Núcleo Industrial como um dos melhores lugares para viver bem e tranquilo. Ele, que já trabalhou na Indústria Sadia, recebeu uma proposta de emprego em Ponta Porã e viaja todo o mês para lá, deixando aqui sua esposa e seus dois filhos e levando a saudade dos bons momentos presenciados no lugar onde quer continuar morando no futuro e cuidando dos investimentos que já possui nele.

Por influência da família que morava na região, Maria Meira de Souza, de 40 anos, decidiu abrir um bar logo na entrada do Núcleo Industrial. O “Cuca Fresca” recebe os jovens moradores do bairro há 14 anos. Maria de Souza, em 2002, mudou-se do Serradinho para perto do bar com a intenção de diminuir as dificuldades de morar distante do local de trabalho. Nesses seis anos, desde que foi para o Núcleo Industrial, a

comerciante criou carinho por seus vizinhos e encontrou ali um lugar perfeito para cuidar do marido e das filhas. Já o estudante Gabriel Silvestre, de 8 anos, reclama de não ter diversão suficiente no bairro. O garoto que mora com o pai, a mãe, a avó e o avô, diz que só vai à escola, que fica perto da casa que reside. Não passeia com os amigos e não sai muito de casa, apenas ajuda na limpeza da residência.

### Pantaneiro

A história do boiadeiro Aristides Ramos da Silva, de 96 anos, é longa. Após se envolver com uma moça que já possuía um namorado, Aristides Ramos trocou tiros com seu rival e fugiu do Pantanal no lombo de um burro trazendo sua amada Maria de Lourdes da Conceição, a dona de casa hoje com 68 anos, que está casada com Aristides há 46 anos. Dessa união nasceram 10 filhos e muitas aventuras. Boiadeiro até os 67 anos, Aristides Ramos encontrou um terreno barato no Núcleo Industrial e muita oferta de emprego, construiu sua casa e há 40 anos tem orgulho de

morar em um lugar tranquilo, onde depositou suas experiências e tradições. No “ninho de amor” do casal, como ele gosta de chamar, quem lava e passa as roupas, faz café, almoço e janta e arruma a casa é Aristides. Comprou um carro devido às dificuldades que ele e a esposa têm de andar e, com o automóvel, vão à igreja toda segunda, quarta e sexta-feira e aos sábados e domingos, agradecem a facilidade que possuem em conseguir tudo aquilo que precisam no bairro.

Ao entrar no bairro Núcleo Industrial e ver a humildade das pessoas que lá habitam, percebe-se que não só o boiadeiro do Pantanal, a comerciante, o operário e o estudante, mas sim grande parte dos moradores, além de histórias para contar, têm muito conhecimento a oferecer, simpatia esbanjada para acolher quem chega e simplicidade que serve de exemplo daqueles que amam sua terra, sua casa e seu modo de viver.



O posto de saúde no bairro não atende emergências, moradores recorrem à Vila Almeida

# DOENÇA hora MARCADA com

**Teresa de Barros**

O bairro Núcleo Industrial, famoso pelas indústrias, além de ser distante da cidade de Campo Grande, possui apenas uma unidade básica de atendimento aos moradores e só funciona durante o horário comercial, das 7 às 11 horas, das 13 às 17 horas. Uma das grandes reclamações de quem vive na região e precisa de algum atendimento é de que o posto deveria ser 24 horas.

Segundo a auxiliar de serviços gerais, Rosemary de Souza, de 33 anos, há sete meses moradora do bairro, as pessoas têm que ir ao posto na parte da manhã para marcar hora e só são atendidas na parte da tarde. “Normalmente as pessoas vão ao posto cinco horas da manhã para conseguir uma vaga, e se tiver alguma emergência só no posto mais próximo que é na Vila Almeida, que ao contrário desse é ótimo. Aqui tudo é difícil”, afirma Rosemary.

A dona de casa Valentina Conceição Ferreira, de 62 anos também tem a mesma reclamação, pois já precisou ter que ir ao posto cinco dias seguidos, para conseguir uma vaga, e sua casa fica a mais de meia hora de caminhada do local.



**Conjunto** - Unidade básica é uma parceria entre Prefeitura Municipal e Sesi

Localizada na Avenida Ji-Paraná, número 16, a unidade básica de saúde de Manoel Secco Thomé, possui dois clínicos gerais, dois pediatras, um ginecologista e quatro dentistas. Segundo a atendente e auxiliar de enfermagem Rosanea Tessarru, de 34 anos, e que há quatro anos trabalha na unidade, são feitos 16 atendimentos na parte da manhã e 16 atendimentos na parte da tarde. Ela explica que sobram vagas por que as pessoas só querem

ser atendidas na parte da tarde e não no período matutino quando o posto fica mais vazio.

O morador e comerciante do bairro, Sebastião Gonzaga de Souza, de 46 anos, proprietário de uma sorveteria perto da unidade de saúde, informa que o posto atende bem as pessoas, mas é muito cheio, pois, segundo ele, muitos dos pacientes vêm da cidade de Terenos, que fica a apenas 16 quilômetros do bairro para serem atendi-



**Cedo** - Rosemary madruga no posto

das no Manoel Secco Thomé. Seu sobrinho Diego de Souza Calvez, de 22 anos, também comerciante, diz que o posto precisa de mais médicos de prontidão, e reclama que às vezes falta medicamentos devido ao fato de ser longe da cidade.

Ao contrário da maioria dos moradores, a comerciante Terezinha Silva Souza, de 35 anos, há 16 anos moradora do bairro, diz que sempre que precisou foi bem atendida no posto. O antigo Centro Comunitário da vila que é hoje o posto de saúde da Prefeitura com parceria do Serviço Social da Indústria (SESI), vai continuar sendo o único centro assistencial da região, pelo menos por enquanto. Segundo a assessoria de imprensa da Prefeitura, a proposta do Orçamento Municipal 2009 será enviada à Câmara Municipal de Campo Grande neste mês, para ser avaliada e há possibilidade de que no próximo ano seja construído mais um posto de saúde no bairro.

## EDUCAÇÃO

### Escola substitui “COLEJÃO”

**Flávia Alarcon**

A Escola Estadual Professor Ulisses Serra atende à comunidade do Núcleo Industrial há 22 anos, oferecendo aulas para o ensino fundamental e médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o 3º e 4º ano do ensino fundamental. Os alunos também têm aces-

so à informática e a projetos que auxiliam os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

A construção da escola facilitou e melhorou a vida dos moradores do bairro, pois antes havia somente o Colégio Antônio Nogueira da Fonseca, localizado em uma área mais distante e pertencente ao município de Terenos.

Grande parte dos alunos é composta por filhos de trabalhadores das fábricas localizadas na região. Desde que as primeiras famílias chegaram ao local, houve a necessidade de construir uma escola que atendesse os estudantes da região que ficava afastada. Neuza Rodrigues Infran, de 56 anos, trabalha na escola desde a sua fundação e fala com orgulho sobre o

desenvolvimento do colégio. “Primeiro só existia o colejão, que é o Nogueira; antes de construir aqui deram aula em seis casas, agora já temos oito salas, nove com a informática e muitos alunos”.

Para a professora Maecy de Arruda, que trabalha na escola há oito anos, um dos maiores desafios é ajudar os alunos a criarem uma perspectiva de futuro melhor para suas vidas. “Lá a maioria é índio e negro, então esses alunos são desmotivados para estudar, a maioria não conclui o Ensino Médio”. Diante dessa realidade a professora desenvolveu o projeto “Consciência Negra”, onde trabalha a cultura afro-brasileira através da dança, comida, música e da capoeira. No final do ano, os alunos são convidados a apre-

sentar tudo o que aprenderam em uma culminância que mobiliza toda a escola. “O meu maior objetivo é motivar os alunos a ter uma vida melhor, a continuar os estudos, concorrer a um vestibular particular ou público”, conclui a professora.

Segundo a diretora Clemilde Nóbrega Silva, de 48 anos, paralelamente às aulas regulares o colégio também oferece curso Libras (Língua Brasileira de Sinais) não só para os alunos, mas para qualquer pessoa da comunidade que se interessar. Neste ano também foi implantado o projeto “Além das Palavras” que trabalha português e matemática para complementar o ensino da sala de aula, proporcionando aos alunos novas formas de aprendizado.



# Casa das Indústrias

**Viviane Oliveira**

O Pólo Empresarial Oeste, o maior em extensão de Campo Grande, fica no Núcleo Industrial. São 44 indústrias que vieram atraídas pelos benefícios fiscais e empregam aproximadamente 1080 pessoas. Para se instalarem, elas contam com doação de área e limpeza, isenção do Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza (ISSQN) sobre as construções, redução do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) por tempo determinado e capacitação da mão de obra, por parte da Prefeitura de Campo Grande.

Quanto aos investimentos, basicamente referem-se à aquisição da área do Pólo, rede pluvial e de esgoto, rede de energia elétrica, arruamento, asfalto e limpeza das áreas (manutenção). Cada lote doado recebe limpeza ou terraplenagem. A água é proveniente de poço artesiano construído pelos empresários, cada um faz o seu.

Tantos benefícios têm a intenção de gerar mais emprego e renda para população. As empresas podem ser comerciais, industriais e de serviços.

Segundo o diretor-presidente da Agência de Desenvolvimento Econômico de Campo Grande (ADCG), Paulo Salvatore Ponzini, os pólos como o núcleo industrial são importantes áreas para a implantação de novos investimentos na Capital. “Essas áreas podem ser doadas àqueles investidores que pretendam implantar, expandir, ampliar, modernizar ou realocar seus empreendimentos. São áreas que dispõem de



Foto: Viviane Oliveira

**Trabalho** - Operárias costuram peças de lingerie em uma das 44 indústrias do bairro que receberam benefícios do Governo

relativa infra-estrutura econômica, terreno, asfalto, energia, iluminação pública, transporte público e rede de esgoto, e de, em breve infra-estrutura social – creche e escola”, afirma o diretor.

## Dificuldades

Uma das exigências da ADCG é que 70% dos empregados sejam da região. Porém, muitos moradores do Núcleo Industrial preferem procurar emprego longe por conhecer as condições de trabalho de algumas empresas. Fláviane Máximo da Paz, de 19 anos, trabalhou um ano e quatro meses em uma fábrica de roupas infantis. “Eu torcia para ser mandada embora. Não agüentava mais, saía do bairro Aero Rancho 5 horas da manhã para entrar 7h e 30min. Eu trabalhava 9 horas diárias para tirar líquido R\$ 360,00 por mês”, contou.

A Universo Íntimo, fábrica de lingerie, emprega 750 pessoas. Segundo a gerente de produção Roseli Scharz, os funcionários que alcançam uma determinada meta de produção, recebem uma bonificação em dinheiro.

Uma ex-funcionária de uma fábrica da região e que não quer ser identificada contou que é quase impossível alcançar as metas estabelecidas. De acordo com outra moça, com descontos, ela recebe metade de um salário e o benefício da cesta básica só recebem aqueles que não têm falta ou atraso durante o mês todo. Ela também prefere ficar anônima porque ainda trabalha em uma empresa do Núcleo Industrial.

Apesar dos salários baixos e más condições de trabalhado, têm pessoas que ainda apostam nas empresas e se sentem motivadas, é o caso de Sílvia

Rodrigues Pacheco, que está em treinamento há sete dias na fábrica de lingerie. “Eu vi o anúncio da vaga no jornal e trouxe o currículo. É bom aqui! Dá para viver”, contou.

Para o professor Mestre em Teoria Econômica e Economia de Empresa Emerson Alan Baptista Vargas, “o importante é ressaltar que uma política que visa apenas a geração de emprego tem repercussões negativas na sociedade, pois estas políticas não se preocupam com a melhoria da qualidade do emprego gerado, ou seja, muito dessas políticas que visam apenas o crescimento econômico não contemplam o desenvolvimento econômico social”, explicou.







**Esporte** - A quadra de futebol de salão do bairro é o principal espaço de diversão para meninos e meninas do Núcleo Industrial, principalmente, nos finais de semana

## Festa

*Alguns jovens buscam lazer em município próximo*

# Diversão até no vizinho TERENOS

**Otávio Cavalcante**

Jovens buscam alternativas de lazer na Vila Manoel Secco Thomé, um dos parcelamentos do bairro Núcleo Industrial. Entre as opções estão o Centro Comunitário, que realiza festas praticamente todos os

sábados, a Quadra Vila Real que reúne vários moradores para assistir e jogar futebol em que meninos e meninas, adultos e crianças brincam juntos. Outros preferem ir para clubes de Terenos.

Depois de uma longa semana de trabalho, os estudantes Wellington Santos Nunes, de 19 anos, que trabalha em uma

das indústrias do bairro, e seu amigo Luiz Ricardo Santos, de 18 anos, que trabalha de atendente na lanchonete de seu irmão, procuram diversão no sábado à noite. Um dos lugares que sempre está no roteiro é o Centro Comunitário. “Gosto muito de ir lá, sempre tem um pouco de tudo, pagode, axé, funk”, comenta Wellington.

Segundo o atual presidente da Vila Manoel Secco Thomé, Valdivino Rosa da Silva, de 49 anos, auxiliar de manutenção, quem promove as festas no Centro Comunitário é a própria comunidade. “A procura é constante, os interessados em organizar eventos devem agendar com antecedência e pagar uma taxa, que irá contribuir para a manutenção do prédio”, explica.

Mesmo tendo diversão no próprio bairro, Wellington e Luiz reclamam da falta de opção de lazer, não optando pelos clubes do centro de Campo Grande, os jovens buscam lazer nas cidades vizinhas. “Às vezes vamos de bicicleta para Terenos, combinamos e vamos juntos”, explica Wellington. “Compensa mais do que ir no centro”, justifica Luiz. Lá em Terenos os clubes mais frequentados pelos jovens da Vila Manoel Secco Thomé são o Planet e Casarão.

Dia de domingo o roteiro é outro, a partir das 13 horas, crianças e adultos se organizam para jogar uma bolinha, ou apenas assistirem, tendo assim um programa diferente. Cleide Simões, de 25 anos, cabeleireira, mora na Vila há 12 anos, tem um time de futebol há cinco, formado por 16 meninas de 17 a 32 anos. “Direto participamos de torneios. Para

treinarmos nesta quadra falamos com o seo Jacó, ele trabalha com esporte no bairro”, explica Cleide, que ao mesmo tempo reclama: “para jogar precisamos de bolas, redes e carros para transportar os times para os torneios, sempre têm alguém que promete, mas chega na hora acaba desistindo”.

Cleide sempre traz sua filha Isabela, de 8 meses, para acompanhar o jogos. Wellington e Luiz também frequentam os jogos na quadra. Mesmo tendo o futebol como principal esporte do bairro, existe outro sonho. “Um grupo de capoeira seria muito bom para os jovens daqui, pois faz parte da cultura brasileira”, comenta Luiz.

Seo Jacó, na verdade se chama Ademir Bueno de Moraes, de 58 anos, professor de Educação Física, mora há 26 anos na Vila, tem uma escolinha de futebol, um dos incentivadores do esporte na vila. Seo Jacó, como gosta de ser chamado, reclama da falta de incentivo da parte dos governantes. “Uns dá um apoio, mas não é o necessário. Na quadra não têm banheiros, nós queríamos fechá-la, porque aberta daquele jeito não tem condição de cuidar”. Sobre o agendamento, são os próprios jovens que se organizam. “Uns jogam meia hora, outros uma hora, cansa um, vai outro, brincando, cuidando e, principalmente, não brigando. Eu deixo eles à vontade, até as 21 horas, quando a Prefeitura apaga as luzes”, explica Jacó. Para ele, o esporte é o principal lazer da vila. “Eu sempre falo: brinquem à vontade, sem confusão, sem briga, o lazer nosso é esse, com o esporte vocês constroem amizades e interação com todos”.

**O nosso jornal entrou na onda do rádio.**

**Jornal Em Foco agora na FM UCDB.**  
 Rádio FM UCDB 91,5  
 Horário: 15:50 às 16:20

**rádio EMFOCO**

Ouça o Rádio Em Foco a qualquer hora também pela internet.  
[www.radioemfoco.mypodcast.com](http://www.radioemfoco.mypodcast.com)



Antiga propriedade rural transformou-se, em pouco mais de 30 anos, em um dos bairros mais populosos da Capital

# Gigante Universitário já foi Fazenda

**Valeska Medeiros**

O bairro Universitário localizado na região leste de Campo Grande, no perímetro urbano do Bandeira, está dividido em 21 parcelamentos, e a uma distância de aproximadamente 11 quilômetros do centro da Capital. Segundo o Instituto de Planejamento Urbano de Campo Grande (Planurb), o bairro teve fundação em 5 de dezembro de 1977, e hoje conta com uma população de aproximadamente 20 mil moradores e uma infra-estrutura organizada, nos setores do comércio, transportes, saneamento básico e pavimentação. Mas há 30 anos a realidade era outra.

Conforme o aposentado Domingos Ferreira da Silva, de 82 anos, quando chegou ao local há aproximadamente 32 anos, o bairro nem havia sido reconhecido pela Prefeitura. A região era uma propriedade rural e não tinha muitos moradores. “Isso era mato, só mata, aqui não tinha água, não tinha luz, não tinha nada”. Segundo o ex-trabalhador rural, um dos benefícios mais festejados pelos habitantes foi a pavimentação do bairro. “A gente vivia dentro de um atoleiro danado, o asfalto foi uma riqueza muito boa”, diz Ferreira. Entretanto, a falta de policiamento é um dos problemas na região. “Nóis precisa é ter uma revistinha

da polícia. Esse bairro aqui está muito esquecido. Aqui tá dando muita coisa errada”, conclui Domingos.

A aposentada e participante de um grupo de assistência aos idosos, Francisca Xavier Cotrin, de 76 anos, também reclama da falta de policiamento na região. “Aqui no bairro falta segurança, porque às vezes vem alguém e faz qualquer coisa pra gente, o pessoal às vezes bebe, num respeita a gente e trata a gente com palavrão”. Mesmo assim, a idosa se mostra contente em morar no bairro. “Eu gosto de morar aqui porque, graças a Deus, foi o primeiro lote na minha vida, porque eu vim, comprei e posso dizer que é minha casa”, diz Francisca.

De acordo com o presidente do bairro,



Foto: Valeska Medeiros

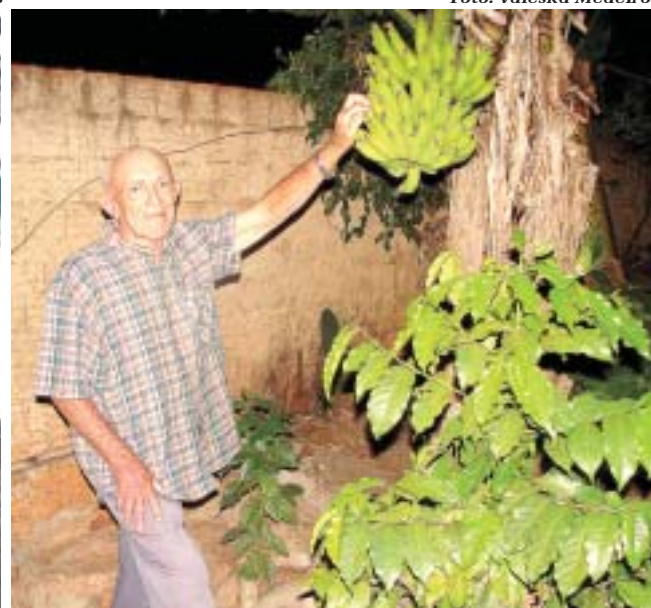


Foto: Valeska Medeiros

**Baú** - Francisca Xavier, 76 anos e Domingos Ferreira, 82 anos, guardam memórias dos primeiros tempos

Júlio César Bilherbeck dos Santos, de 33 anos, morador da região há 29 anos, o posto de policiamento para o bairro já foi pedido para o órgão público, mas ainda não obtiveram respostas concretas. “O posto de polícia a gente correu atrás no ano passado, mas esse ano agora, depois dessas eleições, a gente vai mexer para ver se coloca um pelotão ao lado do posto de saúde, pois essa área está abandonada desde 97”, reforça César.

A falta de incentivo por parte do poder público em cursos profissionalizantes e projetos para a comunidade foi enfatizada pelo presidente, pois o único investimento no bairro por parte do Governo ou Prefeitura é o projeto de assistência aos idosos. “Os cursos na maioria das vezes vêm da iniciativa privada, o governo não está investindo em nada”, conclui Júlio César.

CONSUMO

## Aposentados movimentam Economia

**Laziney Martins**

O bairro Universitário está passando por dificuldades no setor terciário, o comércio. Há também falta de bancos, mesmo caixa eletrônicos, o que vem tirando o sono de muitos comerciantes. Segundo Júlio Cesar Billerberck dos Santos, que há dois anos e meio está a frente da presidência do bairro, existe uma agência dos Correios, que realiza muitos serviços bancários, mas a população não está informada. Às vezes os moradores têm que se deslocar ao centro da cidade.

Silvane Galan da Costa morava



Foto: Laziney Martins

**Compras** - Apesar das dificuldades, comércio têm clientes fiéis que consomem no bairro

no Universitário e percebia que próximo à sua casa não havia um comércio que atendesse à demanda de compradores. Foi então que abriu um mercado com o sugestivo nome de “Sem Troco”, há exatos 10 anos. No local vende de tudo, mas enfrenta alguns obstáculos para manter

o empreendimento funcionando. “Os preços das mercadorias são muitos altos e não tenho o retorno desejável”, explica. Mesmo assim ela gosta de ser comerciante.

Segundo os comerciantes da região, os consumidores que movimentam a eco-

nomia no bairro Universitário são os aposentados, além de profissionais autônomos e funcionários públicos que moram na região.

Por estar localizado na saída para São Paulo e para cidades do interior, o bairro Universitário atrai uma diversidade de empreendimentos. Como a madeireira do empresário Victor Antiensa que tem como clientes uma grande parte de fazendeiros. O madeireiro conta que a principal dificuldade encontrada para manter sua empresa viva é o alto custo do frete. “As madeiras vêm do norte de Mato Grosso, o frete de uma viagem custa R\$ 4 mil”, revela.

Outra supermercadista da região, Michele Souza, proprietária do Supermercado Brasão, explica que a maioria dos moradores do bairro trabalha no centro da cidade. Ela está há seis anos à frente do supermercado. “Estava procurando o que faltava na região”, explica.

UNIVERSITÁRIO

CAMPO GRANDE - SETEMBRO DE 2008

EM FOCO



Vias rápidas que cortam o bairro Universitário são campeãs em acidentes e deixam comunidade local em alerta

# BR 163 e Gury Marques: Perigo

**Danielly Souza**

Moradores do bairro Universitário reclamam dos acidentes no local, pois há um grande fluxo de veículos, principalmente na Avenida Gury Marques. Uma das principais causas de acidentes também é a concentração de caminhões e carretas que passam pela BR 163, via de acesso dos moradores pedestres e condutores de veículos.

Conforme a moradora Orcila Gomes Sandin, de 52 anos, falta respeito às leis de trânsito por parte dos condutores que não dão atenção à placa de preferencial. “Com a Lei Seca os acidentes diminuíram, uma vez que há muitos bares na região”, afirma Orcila. Segundo ela, a falta de sinalização na Rua Pontalina, onde está localizada a creche da comunidade, já causou vários acidentes.

Valmiro Lunardi, de 30 anos, que trabalha como açougueiro no

Bairro Universitário, acredita que falta sinalização na BR – 163. Quando ele se desloca até o centro percebe que há uma quantidade enorme de veículos grandes e isso atrapalha a circulação de carros de passeio. É visível essa movimentação na entrada do bairro, principalmente no horário da manhã e no final da tarde.

De acordo com aposentado Aristeu Balbino da Silva, de 76 anos, morador do bairro há 35 anos, ocorrem mais acidentes na BR que na Avenida principal do Universitário. “Gosto de ir de bicicleta nos bairros próximos, pois tenho medo de circular pelo tráfego no sentido bairro-centro”, afirma. Para a dona de casa Lazineia Aparecida Gomes da Silva, de 23 anos, há necessidade de colocação de placas de sinalização tanto na BR 163 quanto nas ruas do bairro. “Há três meses uma criança foi atropelada, tenho medo por que tenho crianças pequenas em casa”, diz a moradora.

A assessoria de comunicação da Prefeitura Municipal de Campo Grande foi procurada para dar explicações sobre a falta de sinalização de trânsito no bairro, mas não retornou os contatos.

## Finalmente a rodoviária

**Renata Volpe**

Uma das obras mais esperadas pelos campo-grandenses, a nova rodoviária será construída na região sul de Campo Grande, saída para São Paulo, no bairro Universitário. A ordem de serviço foi assinada pelo prefeito da Capital no dia 1º de julho, mas devido às eleições as obras ainda não tiveram início.

Pedro Moura, de 21 anos, morador do bairro, acredita que será algo bom para a região. “Nosso bairro será mais conhecido e bem mais valorizado do que é hoje”, afirma. Diante dos pontos positivos, existem também os negativos e Pedro espera que não haja tanta violência como na rodoviária atual.

O empresário Roberto Elias desconfia da obra. “Eu acredito que eles não construirão, que esse projeto não vai sair do papel”. Roberto é morador do bairro Universitário,

dono de uma chácara que ficará paralela com o terminal e de um ferro velho que fica em frente ao local da construção.

Campo Grande recebe muitas visitas de pessoas de fora para conhecer Mato Grosso do Sul e que se deparam com um terminal rodoviário mal cuidado. “A rodoviária não é compatível com o tamanho da cidade e da população; é uma vergonha para as pessoas que moram aqui, as rodoviárias das cidades vizinhas como a de Dourados e Três Lagoas são bem melhores do que a nossa”, diz o acadêmico de Direito Fredericko Príncipe, quando se refere ao atual terminal rodoviário.

Segundo as informações da Prefeitura de Campo Grande, o novo terminal rodoviário ficará pronto em um ano. A obra é estimada em R\$ 9,5 milhões com um terreno de 10 hectares adquirido pela Prefeitura. Em forma de leque, o terminal terá aproximadamente 6 mil metros quadrados de área construída.



Foto: Danielly Souza

**Intenso** - Carros, pedestres, ciclistas e motociclistas disputam espaço nas ruas do bairro

## SEGURANÇA

### Violência assusta MORADORES

**Sula Portes**

O bairro Universitário que não dispõe de posto policial, nem delegacia, recorre ao 4º Distrito Policial localizado na Moreninha II, responsável por uma área que abrange a BR163 na saída para São Paulo, Avenida Eduardo Elias Zahran, saída para Três Lagoas e divisa com Nova Alvorada. “É uma área grande, mas é uma área reforçada por policiais”, afirma o delegado encarregado Fabiano Ruiz Gastaldi, que conta com 30 policiais e cinco viaturas.

“A violência está em todo lugar, é falta dos pais conversarem mais com seus filhos, pois quem apronta são os jovens que bebem e em vez de ir para

escola, ficam na rua”, argumenta Maria Odete dos Santos Lima, de 63 anos. No bairro Universitário, local onde ocorreu no dia 10 de agosto o assassinato de Diogo Lima Arce, de 22 anos. “De uns meses para cá, a coisa ficou feia”, destacou ainda Maria Odete, que mora no bairro há 35 anos.

A região também tem comércio como a conveniência em que trabalha Jaime José de Souza, de 44 anos, que já foi assaltado duas vezes. “Eu sabia até quem era, mas como não pegaram em flagrante eles disseram que não podiam fazer nada”, conta Jaime José sobre a atuação da polícia. Indignado ele ressaltou ainda: “A gente acaba nem indo mais atrás de polícia”.

A Polícia Civil que comanda o 4º DP, com a Operação Tentáculo, controla a região e de acordo com meta da Secretaria de Segurança Pública (Sejusp), pretende diminuir em até 30% a violência na região, contando com a Polícia Militar, Polícias Especiais e os Bombeiros.



Por possuir atendimento de especialidades com hora marcada e também 24 horas, posto de saúde atende bairros vizinhos

# Centro de Saúde é referência em CG

Fábio Lopes

O Bairro Universitário conta hoje com apenas um posto de saúde situado na Rua Marquês de Olinda, sem número, na entrada do bairro, com o nome de Centro Regional de Saúde (CRS) Dr. Germano Barros de Souza. A unidade atende a população do bairro há 25 anos. Durante o dia os pacientes têm o atendimento básico de dois pediatras, quatro clínico-gerais e quatro ginecologistas. No local acontece também o atendimento 24 horas de emergências com uma equipe de três médicos clínico-gerais no período diurno e plantão noturno de um clínico e um pediatra, com exceções aos sábados.

Segundo Marina Freitas, que há oito anos é diretora administrativa do Centro Regional de Saúde, o atendimento no posto 24 horas dá prioridade aos casos críticos e no atendimento básico o mesmo funciona com hora agendada.

A unidade possui programas voltados aos chamados Programa de Agentes Comunitários da Saúde (PACS) que



Foto: Fábio Lopes

**Orientação** - Posto de Saúde do Universitário foi pioneiro no projeto contra o tabagismo

encaminham os pacientes já agendados, pois os mesmos são avaliados pelos próprios médicos do posto.

A diretora informou que o CRS do Universitário foi pioneiro na criação do programa contra o tabagismo, que de-

pois mudou-se para o Centro Especializado Municipal (CEM). Programas na área psicológica também acontecem na unidade de saúde. A comunidade recebe orientação de prevenções a doenças. No posto acontece o incentivo

para participação da população do bairro e região na Gincana Municipal Contra a Dengue chamada de: II Gincana Municipal "Limpeza é Saúde/2008".

Moradora do bairro Itamaracá, a cozinheira Vera Lúcia Paiva, de 48 anos, se desloca até o CRS do bairro Universitário para se consultar com frequência e reclama que a principal dificuldade no posto é a distribuição de medicamentos, pois alega que por diversas vezes não consegue pegar sua medicação receitada pelo médico, um antidepressivo, pois o prazo de entrega de medicação é somente até as 16 horas. "Tive que vir do Hospital Universitário até aqui pois não havia a minha medicação lá. Quando cheguei tive que ser atendida e quando fui pegar o remédio já tinha dado o prazo de entrega", lamenta a cozinheira.

## Lazer só no computador

Edeusa Centurião

Universitário, um dos maiores bairros da Capital, que tem várias fábricas e amplo comércio, com lojas e grande número de moradores, sofre com a falta de ambientes para lazer. Segundo o presidente do bairro, Julio César Bilherbeck dos Santos, de 33 anos, há poucos lugares na comunidade para diversão, apenas um campo de futebol e uma praça.

"A comunidade é muito desunida e tinha gente que estragava esses lugares, mas já conseguimos dar um jeito nisso, como por exemplo, tivemos que cortar algumas árvores que deixavam a praça escura", afirma o presidente. Segundo ele um terreno particular que antes servia como um espaço alternativo de lazer, onde os moradores jogavam futebol, foi vendido e no lugar foram construídas casas e uma igreja que ainda está em construção.

No bairro existe praça sem estrutura para as crianças por que os brinque-

dos foram roubados. Para os idosos falta alguma atividade, como comenta Silvio Antonio de Lima, de 40 anos, funcionário público. "A praça precisa de uma revitalização, ter mais modalidades, atividades para crianças, melhorar a recreação, não possui nada que possa divertir pessoas da terceira idade", lamenta o morador.

### Alternativa

Com a falta de lugar para diversão, os jovens e até mesmo crianças frequentam os *cybers* café que estão por todo lado nas ruas e avenidas do Universitário. "Aqui tem bastante fluxo de pessoas, não tem lugar para lazer, mas eles também vêm porque gostam de ficar na internet, o movimento aumenta no período da tarde e da noite e no fim de semana é cheio o dia todo", conta a proprietária de um cyber, Luciene Velmer Fruck, de 26 anos.

No entanto, os adolescentes negam que passam muito de seu tempo nos sites de relacionamento e de jogos por



Foto: Valeska Medeiros

**Precária** - Moradores do Universitário pedem revitalização da praça do bairro

que falta outro tipo de lazer na redondeza. "Eu venho aqui porque gosto de jogar com meus colegas, mas aqui falta uma quadra, quando queremos jogar temos que ir até a Vila Julieta, lá tem onde jogar bola", afirma Diego dos Santos Oliveira, de 13 anos, após jogar uma partida virtual no computador da lan-house.

Pelo bairro, mesmo com problemas

encontram-se pessoas que estão satisfeitas com os entretenimentos que o lugar oferece, como a cabeleireira Maria Lucia Rolão, de 44 anos. "Aqui tem lugar pra ir, só tem que melhorar, às vezes têm jovens que jogam futebol até as dez da noite aqui na praça, e no centro comunitário vão começar cursos profissionalizantes", afirma a moradora.



O Bairro Vila Carvalho, que tem como limites as Avenidas Calógeras e Salgado Filho, o antigo leito dos trilhos e o Córrego Prosa, teve o seu início em 1918, com o funcionamento do Matadouro Municipal e a respectiva internada, na qual se recolhia o gado, lugar esse onde hoje se encontra o Instituto Mirim. Na região do Prosa, a Vila Carvalho correspondia aos terrenos da Avenida Calógeras e a Rua José Antônio, à margem esquerda do Córrego, área que então era reservada por lei para fins industriais, pois ali se encontrava a “charqueada”, onde a carne ficava exposta para desidratar.

Os imigrantes paraguaios vieram para a região loteada, por volta de 1934, pela família Baís, a fim de trabalhar no matadouro, devido às habilidades paraguaias com a charqueada e a carneada; a vila então passou a chamar-se Vila Paraguaia. “Era um povo religioso, devoto fervoroso de Santa Livrada e de La Virgen de Los Milagros”, comenta o historiador Hildebrando Campestrini no livro “Vila Carvalho – Algumas Personagens”. A primeira família vinda do país vizinho foi a de Eugênio Escobar em busca de trabalho e alternativas, já que o Paraguai se encontrava arrasado economicamente no período pós – guerra com a Tríplice Aliança.

Segundo a professora aposentada Rosaura Ferreira de Oliveira, de 54 anos, que escreveu o livro “Vila Carvalho – Algumas Personagens”, o primeiro “bolicho” foi



**Livro** - Rosaura mostra personagens



**Sodré** - Família foi uma das primeiras a investir economicamente no bairro Vila Carvalho



Foto: Paula Maciulevicius

## Lembranças

*Criada em torno do Matadouro Municipal Vila Carvalho acolheu comunidade paraguaia*

# Antiga Vila PARAGUAIA

do senhor João Burgoro, que vendia de cereais a remédios. A primeira igreja foi a de São Judas Tadeu, a primeira escola municipal era de nome Pandiá Calógeras e a primeira linha de ônibus coletivo urbano na região apareceu em 1960, da empresa Viação Cidade Morena. O contraste do tempo se vê com o Censo, no ano 2000, de acordo com o IBGE, a população “vilacarvalhiense” era de três mil e 84 habitantes.

## Memórias

Pelo bairro ter nascido graças ao matadouro, açougues na região não faltavam, na Rua Santo Antônio esquina com a Rua Sodré também funcionava, juntamente com bar e mercearia, era a Casa

Sodré. A família baiana Sodré chegou à Capital em 1945, uma história “digna de registro” como comenta Luiza Farias Sodré, de 69 anos, filha do proprietário já falecido, Joaquim Sodré Neto e de Arminda Faria Sodré. Atendendo ao pedido da esposa, Joaquim saiu com a família toda em um êxodo de Barra do Mendes a Bom Jesus da Lapa, na Bahia. “Tudo era muito difícil, lá era um lugar carente, como se fosse uma fazenda. Meu pai trabalhava num ano, para comermos no outro”, relembra a artista plástica Luiza Sodré. Com nove filhos, a família Sodré seguiu a caminhada para cumprir a promessa de dona Arminda e conseguir um lugar melhor para a família.

Em uma viagem de navio, depois pegando o trem Noroeste, Joaquim

Sodré Neto, Arminda Faria Sodré e os nove filhos chegaram a Campo Grande em setembro de 1945. “Era um salão pequeno, depois compraram terreno e construíram a Casa Sodré”, agora com bar, mercearia e açougue, em 1960, ressalta Derci Braga Sodré, 67 anos, nora de Joaquim Sodré, moradora da Vila Carvalho desde que casou, em 1965.

Outro episódio na memória da família Sodré e na história da Vila Carvalho aconteceu com Derci, que estava com o filho Antunes doente. Os médicos achavam que o diagnóstico seria de meningite. Enquanto dona Derci estava rezando na “gruta” da Santa Casa. “Nossa Senhora apareceu e disse que meu filho não tinha nada, mas que era para eu adotar uma criança para salvar Antunes”, relembra Derci.

Antunes sobreviveu e alguns anos depois, o esposo Fisofanes Faria Sodré faleceu, porém a moradora conta que não esqueceu a história da gruta, até que apareceu uma mãe que estava doando os filhos. “Eram três crianças, mas eu vi o Lucas, gostei dele e queria ele”, conta sensibilizada a mãe Dirce. Depois de ficar com a guarda da criança durante um ano, Dirce pôde registrar Lucas Braga Sodré, hoje com 16 anos.

Para a professora que lecionou na escola municipal da região, Alcídio Pimentel, Rosaura Ferreira de Oliveira, a Vila “custou muito a virar bairro, era normal como sair hoje e ver um ônibus, a molecada crescendo no ambiente de fugir de vaca, ver bezerro nascer”.

## Vantagens X malefícios

Mirian de Araujo

Quem mora na Vila Carvalho caminha dez minutos e já está na região central da Capital de Mato Grosso do Sul. O acesso a bancos, ao comércio e demais serviços é uma das vantagens de residir na localidade. Mas toda essa praticidade tem seu lado negativo, como o intenso movi-

mento de veículos e a poluição sonora, característica dos núcleos urbanos, que atrapalham o sossego de alguns moradores.

João Carlos Feitosa, de 46 anos, mora no bairro há uma década, gosta do lugar e das pessoas, mas reclama do movimento e barulho das ruas. “Às vezes quero escrever, ler alguma coisa e não consigo devido ao barulho, mas não é de todo ruim. A facilidade de acesso ao centro é uma vantagem sem igual, eu levo cerca de 10 minutos para ir ao centro, essa é uma das vantagens em morar aqui”, explica o pedreiro.

O barulho também incomoda Joice Cristina, de 26 anos, que mora na Vila Carvalho desde 2003. “Por mais que o centro seja perto, o barulho é muito desagradável, quando tem algum show no

Parque Laucídio Coelho não consigo dormir, parece que o som está dentro da minha casa e depois que acaba ainda fica pior, porque as pessoas saem gritando, buzinando, rindo alto é terrível. Eu sempre vejo o dia clarear acordada, por que não tem como dormir”, lamenta a moradora.

A empregada doméstica Maria Auxiliadora Brito, de 41 anos, mudou-se em 1999 para a Vila Carvalho e se diz uma apaixonada pela comunidade que mescla facilidade de morar próximo ao centro com a tranquilidade em algumas ruas. “Tudo está ao seu alcance com o mínimo de esforço. É um bairro bom de morar, as crianças podem brincar nas ruas, por mais que sejam movimentadas, eu não pretendo me mudar tão cedo”, finaliza.



# Na batida dos RITMISTAS

Leonardo Amorim

Bateria Estandarte de Ouro, assim é chamada a ala dos ritmistas do Grêmio Recreativo escola de Samba Unidos de Vila Carvalho, mais tradicional Escola de Samba de Campo Grande, vencedora de cinco carnavais, sendo três consecutivos. A ala é formada por cerca de 150 ritmistas e comandada pelos mestres Wlauer e Wlajones.

“A bateria da Vila hoje é respeitada, no início sofremos muito preconceito, não tínhamos apoio financeiro, era muita falação. Hoje não, hoje somos respeitados”, desabafou José Carlos de Carvalho, o Zé Carlos, presidente da Escola. O presidente contou que a Escola passou por dificuldades antes de ser referência do samba em Campo Grande, e que com muito trabalho o sonho se tornou realidade.

A bateria é composta por dez ins-

trumentos, surdos de primeira e segunda, corte, repique, malacacheta, caixa de repique, caixa de guerra, tamborim, chocalho e cuíca. A ala mais nobre da Escola é comandada pelos filhos de Zé Carlos, Wlauer e Wlajones de Castro Carvalho, que cresceram dentro da agremiação e hoje têm orgulho de ensinar tudo que aprenderam às crianças da comunidade, inclusive, ao filho e sobrinho. “Nós ensinamos as crianças a tocar e depois as promovemos a membros da Bateria”, conta Zé Carlos. “É preciso muita organização para sair tudo perfeito. As crianças da comunidade são empenhadas, é fácil trabalhar com elas”, complementa Wlauer.

Para vencer um carnaval é preciso conjunto e a união de todos os quesitos faz com que os 70 minutos de desfile valham os 12 meses de trabalho no barracão. A junção das boas apre-



Foto: Leonardo Amorim

**Gerações** - Jovens do bairro aprendem técnica transmitida pelos mais velhos

sentações, sem dúvida é importante, mas a bateria é quem dá o ritmo à apresentação. “Se comparada ao corpo humano, a ala seria o Coração da Escola”, diz Zé Carlos. Todo ano é feito um trabalho especial e que dá à bateria da Vila tanto prestígio. “Meu irmão e eu viajamos uma vez por ano para o Rio de Janeiro, lá aprendemos novos truques de evolução para dar show na avenida”, conta Wlauer.

Os moradores da vizinhança, apesar do alto volume do som, gostam muito do espetáculo. A dona de casa

Elena Nogueira, vizinha de fundo do barracão, adora. “A bateria da Vila é a maior”. A empresária Marly Nogueira também elogiou. “Eu sempre gostei, meu irmão tocava e o som da Vila é diferente, contagiante”, elogia a ex-moradora.

Este ano a bateria sairá com cerca de 150 ritmistas, os ensaios acontecem duas vezes por semana a partir de outubro e em janeiro todos os dias.

## Unidos da Vila Carvalho abrilhanta carnaval de CG

Thierry Mônica

Fundada em 1969 por Felipe Duque, o conhecido Felipão, a escola de samba Unidos da Vila Carvalho é o cartão postal do bairro. Existente há quase quarenta anos, a escola é dona da maioria dos títulos de primeiro lugar do carnaval de rua na Capital de Mato Grosso do Sul.

José Carlos de Carvalho, presidente vitalício e ex-puxador, conta sobre a trajetória da escola. “Passado alguns anos, o Felipão parou e a Vila ficou sem nenhuma escola de samba, então eu conversei com a minha amiga Zefa (moradora do bairro) e montamos a Unidos da Vila Carvalho, até então batizada somente como “Vila Carvalho”, porém não tiramos o precursor da escola, o Felipão é o nosso patrono”, afirma o presidente.

José Carlos diz que a escola ganhou o nome de Unidos porque era composta por moradores vizinhos do bair-

ro e até de localidades distantes como do Jôquei Clube, Nhandá, Piratiníngá, Marcos Roberto, Silvia Regina, Aero Rancho e Guanandi.

O presidente também ressalta o descaso dos governantes não só com a Unidos da Vila Carvalho, mas também com todas as outras. Ele cita como exemplo, o desfile de 2005 quando participaram mais de mil componentes do bairro em um desfile que custando mais de R\$ 200 mil e o Estado cedeu R\$ 16,5 mil. O dinheiro restante teve que ser conseguido com doações particulares e eventos realizados pela Liga das Escolas de Samba.

A comunidade do bairro sempre esteve presente, ajuda como pode, fazendo “vaquinhas” e venda de rifas para levantar fundos e comprar fantasias.

“Sempre gostei de desfilar na Vila, todo ano eu vou, é sagrado”, acrescenta a estudante Carla Pereira, moradora do bairro. “Nós somos uma família, no que eu puder ajudar, eu ajudo.”



Foto: Arquivo

**Alegria** - Madrinha tem samba no pé

Composta pelas cores verde e rosa, a Unidos da Vila Carvalho vem ganhando o título de campeã há três anos consecutivos e é conhecida inclusive

no Rio de Janeiro e São Paulo. Em 2007, com o enredo “Arte, Luxo e deboche- Eu quero mais é ser feliz”, a escola levou para Via Morena cerca de 450 integrantes e homenageou a artista plástica Mara Dolzan, conseguindo o título de campeã.

Já este ano com o enredo “Minha terra tem paineiras onde voa a arara azul”, a Unidos da Vila Carvalho ficou em 2º lugar. A escola tinha 1,2 mil componentes divididos em 12 alas confeccionadas pelo carnavalesco carioca Francis Fabian, os puxadores eram o Carioca, Tim da Vila e Verto.

Em 2009, a escola completa quarenta anos de samba na Capital, o tema ainda não foi divulgado. Os ensaios da bateria começam em outubro, pois a quadra da escola que fica na Rua Joaquim Manoel de Carvalho, 395, está em reforma.



Comunidade enfrenta intenso movimento de veículos

# Rotina de carros e buzinas

Tatyane Santinoni

A dona de casa Elena Nogueira de Faria, de 65 anos, mora há 53 anos na Vila Carvalho e está em pânico com a violência no trânsito que acontece quase todos os dias na esquina de sua casa. Afirmar ainda que já morreram duas pessoas em acidente de carro no quarteirão onde mora. Um caso que marcou muito a dona de casa aconteceu há 26 anos, onde um motorista perdeu o controle da direção e entrou no muro da sua residência, indo parar dentro do quintal. Na época, seu filho tinha apenas oito anos, e estava brincando no fundo da casa.

“Foi Deus que segurou meu filho naquele dia, ele não sofreu nenhum arranhão, tinha tijolo até dentro da minha cozinha”, relata Elena. Depois do acontecido diz que até já fez exames porque estava ficando neurótica, tinha até pressentimentos com acidentes de tanto medo

que sentia. Qualquer barulho a deixava assustada, mas o médico diagnosticou apenas como estresse de tantos acontecimentos negativos. “Mas agora já me sinto melhor, acho que me acostumei com essa realidade”, conta a dona de casa, que há oito anos operou da coluna, colocou oito pinos e duas traves, a operação de hérnia de disco a deixou impossibilitada de dirigir, o qual não faz muita questão.

Depois de inúmeros acidentes e algumas mortes, os moradores da Vila Carvalho resolveram fazer um abaixo-assinado para pedir que a Prefeitura tome uma providência, com mais placas de sinalização, lombadas ou quebra-molas, mas elas não foram ouvidas. Conforme Elena, a administração municipal construiu a Via Morena, o que diminuiu o número de carros em circulação na Vila, escoando um pouco o movimento, além disso, mudou o sentido de algumas ruas da Carvalho que de mão-dupla passaram a ser mão única. “Mas mesmo assim, alguns veículos ainda continuam na contramão, esquecendo da mudança, e isso também já gerou muitas colisões”, diz Elena. “Não tenho sorte, além disso, o carro do vizinho que estava estacionado na rua, desceu sozinho e ba-



Foto: Tatyane Santinoni

Pânico - Traumatizada com acidentes de trânsito moradora procurou auxílio médico

teu no muro da minha casa. Outro caso inexplicável foi quando um motorista que foi buscar a esposa na faculdade, desgovernou o carro e entrou na farmácia que fica na esquina da frente”, afirma Elena que acredita ser o respeito à sinalização e a educação entre os motoristas a única solução para amenizar o elevado número de acidentes de trânsito na Capital.

Marcos Elias Basmage, de 51 anos, dono da Auto Elétrica Basmage da Avenida Calógeras, quase esquina com a Fernando Corrêa da Costa, afirma que a educação, paciência e espera são os principais remédios para uma boa convivência no trânsito da cidade, especialmente na região da Carvalho, onde acontecem acidentes todos os dias. Já para o frentista Luiz de Oliveira, de 37 anos, o quebra-mola seria uma maneira de impedir colisões em alta velocidade, ainda mais em horários de entrada e saída da escola, lo-

calizada próximo ao posto, que fica na Avenida das Bandeiras, ao lado da rua Salgado Filho. Afirmar também que já chegaram a acontecer quatro acidentes em frente ao posto, em apenas uma semana.

## Planejamento Urbano

A malha urbana do bairro foi concebida por um sistema viário em xadrez com largas e extensas ruas e avenidas que, com o crescimento da cidade, transformou-se em radical, sem planejamento, cujas principais ruas são os antigos corredores boiadeiros que davam acesso ao quadrilátero central. A Avenida Salgado Filho faz parte do mini-anel rodoviário, que pretendia desviar o tráfego pesado do centro, com a construção também do viaduto. Mas após o término do mini-anel, este teve a função de distribuir o tráfego local, favorecendo a ligação entre os bairros e desafogando a região central.

## no Alcídio Pimentel

Leonardo Cabral

Os moradores do bairro Vila Carvalho, um dos mais antigos de Campo Grande, fazem a diferença quando o assunto é educação. A escola municipal de ensino fundamental Professor Alcídio Pimentel é a única escola pública existente para poder atender a população do bairro. Inaugurada no ano de 1979 tem na direção Rosilene Oliveira Ireneu de Souza, que assumiu este ano. Com onze salas de aula, 600 alunos e mais de 30 professores totalmente capacitados para atender, não só os alunos, como também toda a comunidade.

A diretora revela que até 2013 a escola teria que atingir uma média para a avaliação dos alunos imposta pelo Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb), mas esta meta foi atingida neste ano, e isto é uma recompensa para ela, já que os alunos estão aceitando o método de ensino adotado pelo colégio.

Em uma sexta-feira de cada mês, a escola organiza uma olimpíada de matemática envolvendo jogos, brincadeiras, entre outros métodos adotados pelo colégio. É realizado até bingo com os alunos, envolvendo a matemática. “Adotei este diferencial nas minhas aulas, porque acredito que eles se envolvam mais. Divido o dinheiro e entrego para eles, ao mesmo tempo aprendem a contar e saber quanto vale cada coisa”, diz a professora de matemática

Alessandra Pereira.

Os alunos aprovam o diferencial feito pelo educandário. Silas Nakano é estudante da 3ª série do ensino fundamental, e diz que este método valoriza o raciocínio dos alunos. “Desde que comecei eu e meus colegas aprendemos muito mais, não só com a matemática, mas também nas outras disciplinas”.

Na língua portuguesa o colégio utiliza a biblioteca para incentivar a leitura e a interpretação de texto. O projeto criado pela professora Patrícia Guimarães de Moraes faz com que os alunos levem os livros que eles gostam para casa, e não é cobrada nem um tipo de resenha do que foi lido. Na opinião da professora, pressionar o aluno para ler é errado. “Acredito que desta forma eles se interessem pela leitura, e não só guardam para eles o que foi lido, como indicam o livro para seus colegas de classe”, relata a professora.

Nos finais de semana a escola não fecha seus portões, a comunidade tem um projeto criado para atendê-la no espaço chamado “Escola Viva”, onde o esporte, educação, cultura, saúde e diversão estão para o bem do cidadão. Séries

de eventos são criados para que a comunidade integre os preceitos junto com o colégio, na educação das crianças. “Morei há dezessete anos no bairro, estudei desde criança no Alcídio Pimentel, tenho saudades de minha época escolar, mas vejo que houve muitas mudanças, e para melhor”, relata a empregada doméstica Carmem Aparecida.

Após o término do ensino fundamental, os jovens têm que se deslocar para o bairro mais próximo da região, para poder concluir seus estudos. A Secretaria de Estado de Educação foi procurada para falar a respeito do assunto, mas a assessoria de imprensa do órgão não quis comentar. Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Educação, as escolas da rede municipal de ensino oferecem apenas o ensino fundamental, e quando o número de alunos é suficiente, a rede municipal em período noturno instala salas de ensino médio para os alunos. Mas isto ocorre quando há uma recomendação tanto da parte pedagógica da instituição quanto da cobrança por parte da própria comunidade.



## Inocência

*Sem espaços de lazer crianças se divertem em uma das vias mais rápidas e movimentadas de Campo Grande*

# Um bate bola e papo na Via Morena

**Rebeca Arruda**

Já dizia Carlos Novais: “Imaginando o oceano, as crianças brincam na poça d’água”, é exatamente assim que Maurício Tetsuo Arakaki respondia às perguntas que lhe eram feitas, brincando. No meio da Via Morena na Vila Carvalho, correndo de um lado ao outro da rua, sempre atento aos carros, o estudante de 13 anos, jogando bola com mais dois amigos comentava o quão tranquilo seu bairro era para viver. “Sempre jogo bola por aqui, e nunca me aconteceu nada! Aqui é super tranquilo e nós sabemos respeitar os carros”, afirma ele que mora na Vila Carvalho há três anos, menos tempo do que o seu amigo e vizinho Oswaldo Tsohi Keratsu, de 10 anos. Ele que estuda na escola municipal da Vila Carvalho Prof. Alcídio Pimentel mora no bairro desde que nasceu. Faz futebol gratuitamente em um evento chamado “Escola-Viva” que ocorre aos sábados na escola para todas as crianças de dentro e fora do bairro.

“Lá na escola a gente pode jogar futebol, vôlei, xadrez e tem até balé para as meninas”, diz ele com um sorriso no rosto ao ser perguntado se fazia balé também. “Eu? Não, não. O meu negócio é jogar bola”. Oswaldo é ainda apenas uma criança, bem inocente, mas para uma surpresa maior ele é bem maduro para a sua idade. Quando perguntado a respeito do que fazia para se divertir no bairro, era sempre objetivo em suas respostas. “Andar de bicicleta e jogar bola”, respondia

ele. Porém, quando era questionado sobre se teria se machucado de bicicleta, a resposta mudava. “Bom, de bicicleta já, já me machuquei sim. Mas não foi por que eu não sou cuidadoso, foi um acidente. Eu estava descendo na quadra de baixo da Via Morena, e um carro virou. Ele me acertou, e eu só fiquei com a perna dolorida porque ele estava bem devagar, mas eu fiquei com medo”, afirma ele, com brilho nos olhos ao lembrar-se do dia em que “quase morreu” segundo seu outro amigo Freddy Spinoza Arakaki, de 12 anos.

Freddy já começa dizendo que é meio-primo de Maurício, por causa do sobrenome. “Aqui todo mundo é meio parente, tem muito japonês, a maioria daqui é descendente. Mas eu e o Maurício somos meio-primos mesmo”, alega Freddy que tem o futebol com seu esporte favorito, e adora andar de bicicleta igual ao seu amigo Oswaldo – o mais novo dos três – mas ao ser feita a comparação ele retruca. “Igual não né? Porque eu sou mais cuidadoso do que ele quando estou de bicicleta, eu nunca “quase morri”, afirma ele em risos, enquanto Oswaldo negava o fato de não ser cuidadoso.

Já Maurício, o mais diferente dos três, dizia que futebol não era seu esporte favorito, mas que gostava de jogar uma bolinha de vez em quando, embora não fosse o que ele mais gostasse de fazer. “Como meu pai é dono de locadora, eu adoro assistir filme,

já vi quase todos. Além disso, eu também gosto de ir à sexta do rock no Horto Florestal”, afirma ele sobre este que é um evento onde bandas de rock novatas se apresentam para um público grande, e acontece na sexta-feira uma vez por mês no Horto.

Para os três amigos, diversão não é problema no bairro da Vila Carvalho. O aposentado Nilton Garcia, de 67 anos, contradiz aos garotos. “Não há mais lugar para as crianças brincarem. Ou meus netos brincam aqui no quintal de casa, ou só saem aos finais de semana com os pais para passear ou se divertirem em outro lugar”. Ele diz que o bairro é tranquilo, mas a falta de uma praça para as crianças brincarem com maior segurança é grande. “Tenho dois netos, um de três anos, e um de cinco anos, os dois às vezes me pedem para ir brincar na rua, mas eu nunca deixo, não fico sossegado”, conclui ele. Todavia, o aposentado diz que não poderia escolher lugar melhor para que seus netos fossem criados. “O bairro aqui é formado por 60% ou mais de japoneses, eles colonizaram a Vila Carvalho. Deve ser por isso que eu gosto daqui”, termina ele sorrindo, lembrando a famosa “paciência oriental”.

Marlene Albuquerque é moradora do bairro há muito tempo, tanto tempo que quase não se lembrou ao certo. “Sabe que eu não sei, deve ser uns quinze, vinte anos”, ela diz ao tentar se lembrar de quanto tempo mora no bairro. Ela que tem uma filha de sete

anos de idade, Gabriela Albuquerque, diz não ter problemas nem com a educação da filha e nem com a hora do lazer. Carinhosamente chamada pela mãe de Gabi, a criança quando questionada a respeito do que mais gosta de fazer e se gostava de morar ali, respondia sem titubear. “Eu gosto muito de ir à escola, depois que chego em casa brinco com minhas amigas aqui em casa, ou na rua aqui perto de casa.” Gabriela ainda afirma que gostava de ir ao Horto para brincar. “Porquê lá tem muitos brinquedos legais, e um parquinho de areia”, diz ela lembrando a época em que sua mãe a levava ao Horto Florestal para brincar um pouco, quase todo fim de tarde. “Naquela época era mais seguro o lugar, mas hoje não corro o risco. Lá ficou um lugar meio perigoso, já ouvi muita gente dizer que foi assaltada em plena luz do dia”. Mas Marlene conta que isso não é problema para a filha, afinal, ela consegue se divertir em qualquer lugar. “Diferente de nós adultos”, brinca a mãe.

Seja jogando bola, andando de bicicleta, indo a shows de rock, brincando dentro ou fora de casa, as crianças da Vila Carvalho são muito receptivas e alegres, e vivem tranquilamente o seu dia-a-dia mostrando para nós que o bom mesmo é ser criança.



O córrego Prosa é um dos personagens da Vila Carvalho. Foi às suas margens que o bairro se transformou, cresceu. As pinguelas deram lugar aos pontilhões, o brejo que fazia o seu leito, agora é concreto, por onde milhares de veículos passam todos os dias. As águas limpas, com peixes, viraram passagem do esgoto, foram canalizadas e cobertas, avenidas construídas, e hoje quem passa por cima ou ao seu lado nem repara em toda a história que o Prosa carrega.

Muitos nem ao menos sabem estar circulando sobre ele. No dia-a-dia não chama mais a atenção de quem passa por sua beleza, mas sim pelo mau cheiro que exala.

O historiador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, Hildebrando Campestrini, de 67 anos, diz que não há nenhuma comprovação para o significado do nome Prosa. “O que se sabe é que ele sempre teve esse nome, em todos os registros”. Segundo Campestrini os primeiros moradores ficavam à direita da margem do Prosa, em 1926 foi feita a divisão dos bairros nas redondezas. Fotos do córrego nessa época não existem nos arquivos do Estado e Município.

O córrego viu os primeiros habitantes da cidade chegar, ganhou o nome de Prosa, segundo conta a história, porque os moradores costumavam “prosear” à sua beira. Suas



Foto: Paula Vitorino

**Hoje** - As lembranças de quem cresceu tomando banho no Córrego Prosa contrastam com o atual estado de poluição das águas

## Segredos

# Às Margens do PROSA

águas limpas e cristalinas eram o habitat de peixes como, cascudo e lambari. Para as crianças que cresceram na região, era uma diversão tomar banho e ir pescar. Hoje esses moradores simpáticos contam com alegria suas lembranças desses momentos junto ao córrego Prosa.

A professora Maria Lúcia Lima Gil, de 60 anos, nasceu na Vila Carvalho, passou sua infância ali brincando de roda e estudou na Escola Perpétuo Socorro. Todos os dias, para ir estudar, atravessava o Prosa por uma pinguela, cuidando para

não desequilibrar. Ela com suas três irmãs, o irmão e as amigas (moradoras do bairro e ainda amigas), Teofina e Zenaide. Quando iam passar de uma “beira” para a outra do córrego, se penduravam nos cipós das árvores. “Os meninos iam jogando os cipós e nós saltávamos para a outra parte”. Pergunto se o cipó não arrebitava e ela responde em meio a risos. “Não. Eram firmes, agüentavam sim. Era a nossa diversão!”. Muitas vezes a mãe de Maria tinha que ir atrás da garotada na saída da escola, porque ela com os amigos paravam para brincar e esqueciam do tempo, chegavam todos sujos em casa. “Tinha uma outra escola chamada General Malan mais pra cima, onde estudavam uns meninos que o meu irmão e seus amigos que moravam na fazenda aqui perto não gostavam. Se eles apareciam no corgo era briga. Eles se pegavam no meio do brejo e depois votavam pra casa todos enlameados”, revela dona Maria Lúcia.

Ela diz que a poluição (o esgoto), acabou com os peixes e que de vez em quando sente um mau cheiro. “Mas, limpinho, o córrego nunca foi, só os reguinhos. Jogavam muitos animais mortos do matadouro”, relembra Maria Lúcia.

Maria Olívia Duarte, de 64 anos, chegou na Vila Carvalho em 1955 e lembra que onde hoje é Via Morena e a Fernando Correa da Costa era o córrego. Não tinha luz, asfalto, era coisa normal ver capivaras ali por perto. Ela conta que não tomava banho no Prosa, nem pescava e quando ia para escola passava pela ponte de madeira e via os peixes e a garotada. “Os meninos que iam mais pra beira do córrego. Pescavam e tomavam banho por lá. Mas as meninas brincavam separadas, eu e minhas irmãs íamos para igreja, às

festinhas, às quermesses que sempre aconteciam”, relembra Maria.

O mecânico aposentado pela Estrada de ferro Noroeste, Lúcio Castro, de 81 anos, veio com sete para a Vila Carvalho e conta com muita alegria e emoção suas lembranças nítidas da época que brincava em volta do Prosa. Ele diz que até 1940 a água era cristalina, “Cansei de tomar banho, bebia a água e pescava lambari na peneira no Prosa, eu, meu irmão e meu pai”, recorda.

O simpático mecânico conta algumas curiosidades. Ele me pergunta se eu sei por que as entradas do Horto Florestal são no formato de um V de cabeça para baixo, eu respondo que não, então ele revela o motivo: “As entradas do Horto são nesse formato em homenagem ao encontro dos dois córregos, Prosa e Segredo, que acontece bem ali na frente embaixo da ponte”. Fico surpresa e confesso achar muito interessante a história. Ele continua, “E a festa de São João que Dona Joanita organiza. Ah! Era muito animada. Era na casa dela mesmo, tinha churrasco, dança e vinha todo o bairro e até gente de outros. Na véspera do dia de São João descia todo mundo pro córrego, ia o pessoal de cavalo e andando pra dar o banho no santo, segundo a tradição manda”, conta com todo entusiasmo mais uma curiosidade do Prosa, segundo suas lembranças.

Seu Lúcio conta que morava numa casa de barro e começou a trabalhar com 12 anos. O bairro tinha muito mato e principalmente ao redor do córrego. “A gente sempre cortava o mato em volta do lugar onde íamos tomar banho”. Eu pergunto se ele não se sente triste em ver hoje o Prosa poluído. “Tudo muda, o tempo mudou, os costumes. Não sinto tristeza de ver como ele está, porque sei que é a evolução, o homem faz isso. Quando ele precisa das águas de novo, ele despolui, tira até água de pedra”, responde conformado. “No meu tempo era brincadeira, pião, papagaio. Hoje as crianças ficam na internet, nos jogos, não ligam mais para brincar no meio da natureza”.

## Saúde em falta

Fernanda Bernardes

Os moradores do bairro Vila Carvalho reclamam da falta de um Posto de Saúde no local. Por não existir esse serviço público, a comunidade tem que se deslocar para outros bairros, ou para os hospitais públicos e privados da Capital.

A moradora Benedita Soares Silva, de 67 anos, reside no bairro há 25 anos, e conta que desde que foi para lá, nunca ouviu falar em posto de saúde.

Alda Pereira da Silva, de 37 anos, moradora do bairro diz já ter passado por apuros quando os filhos ficaram doentes. “Certa vez meu filho começou a passar muito mau e como não havia nenhum posto de saúde no bairro e

nem nas proximidades, tive que correr com ele para um hospital particular. Um bairro tão antigo, deveria ter esses locais para atender a população”, lamenta.

Raimundo Gutierrez Lima, de 57 anos, mora no bairro há 15 anos e diz estar indignado com a situação da saúde pública da sua comunidade. “Já estive até na televisão, fazendo reclamações para ver se vem algum tipo de incentivo da parte das autoridades, mas nada foi feito até o momento”.

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde (Sesau), não há postos de saúde na região por que os moradores usufruem de atendimento nos postos Tiradentes e 26 agosto. Por ser uma região central não haveria necessidade de uma unidade básica de saúde na localidade, pois os pacientes teriam acesso aos postos e hospitais centrais.